



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Lorena Maria Tomasi Chiaradia FG192

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.032.SIN-TRA

Entrevistado/a: Lorena Maria Tomasi Chiaradia (com a participação de Isaac Pelegrino Menegotto)

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 18 de janeiro de 1996

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Indicação e atuação como coordenadora dos carros alegóricos (1984). Participação dos filhos na equipe de coordenação, elaboração e confecção dos carros.

Curso: organização. Participação de bandas e músicos nos desfiles. Figurino.

Carros alegóricos: criadores, decoradores e construtores.

Melhores carros, na opinião de Lorena: "O sonho de Plush", carro da rainha Marisa Dotti.

Preocupação com os carros das rainhas. Envolvimento das rainhas com a confecção de seus carros.

Imprevistos e contratemplos durante os desfiles.

Desfiles noturnos: iluminação, som, preocupação em agradar o público

Expectativas para o desfile da Festa da Uva de 1996: mudanças com relação aos outros desfiles, temática.

Transcrição:

Sônia: O seu nome completo?

Lorena: Lorena Maria Tomasi Chiaradia.

Sônia: Lorena, a data do seu nascimento?

Lorena: ... 1934, oficialmente, mas eu nasci em trinta e um de outubro de 1934.

Sônia: Lorena, que lembranças tu tens das Festas da Uva da tua infância?

Lorena: Não me lembro. Incrível, né? Incrível, não me lembro. Então, eu começo a me lembrar de Festas da Uva em [19]68, quando eu comecei a trabalhar com seu Isaac [Menegotto]. Porque, eu não posso, não posso nem imaginar porque eu não me lembro de Festas da Uva. Eu acho que nós não éramos ligados, não éramos ligados a esse trabalho e, realmente, eu não me recordo de eu ter

assistido assim de pequena. Depois que eu fiquei moça sim, né? Mas pequena, pequena, infância, que a primeira festa que seu Isaac fez, foi em [19]32, eu nasci em [19]34. A partir daí eu poderia me lembrar, com seis anos, sete anos, alguma coisa que eu tivesse visto. Não me lembro. Vejo as fotos agora, como eram na praça [Dante Alighieri], as primeiras coisas que fizeram, isso eu não me lembro. Agora, então, a partir de [19]68, que começamos a trabalhar na equipe do seu Isaac, então, a gente viveu Festa da Uva. Viveu realmente Festa da Uva. Então passou a fazer parte da nossa vida. A minha participação na Festa Uva foi, comecei fazendo flores. Depois então, para os carros. Depois então, seu Isaac me convidou para ir fazer a decoração, e aí eu comecei. E depois, passei a trabalhar da manhã à noite no pavilhão com toda a turma que fazia os carros, desde o começo até o fim. Até o ano de [19]84, quando então o seu Isaac, ah, teve a gentileza de indicar o meu nome como coordenadora dos carros alegóricos. Naquela época, o Mário Vanin era o presidente da Festa da Uva, a Mariza Dotti foi a rainha da Festa Uva. Então, nós começamos trabalhando no pavilhão do Randon [Randon S/A Implementos e Participações], é, Randon, aqueles que estavam desocupados, nós fizemos os carros lá. E, a partir daí, dois anos, eu fui a coordenadora. Depois então, os meus filhos passaram também a trabalhar. E eu sempre trabalhando na equipe, todos trabalhando, participando. Porque naquela época, desde [19]84, tinha a Ana Selma, que agora mora na Nigéria, que trabalhou ainda na época da equipe do seu Isaac, ela trabalhava. Depois então, tivemos o Roberto, o Ronaldo, a Marisa, a Tula, cinco filhos trabalharam. Só o número seis ainda não, não trabalhou, assim... faz alguma coisinha, mas não trabalhos de arte como os outros já fizeram. Os projetos, a partir de [19]84, então, tivemos projetos nossos, né, meus, dos meus filhos. E, por exemplo, se havia por parte da direção da Festa da Uva, o que eles imaginavam fazer, então eles nos diziam. E, também, eles mandavam, escolhiam os desenhos e nos mandavam, desenhos aprovados lá em cima e a gente fazia. Os desfiles eram organizados, por exemplo, dando lugar de destaque para o carro da rainha, distribuindo as bandas entre os carros. Isso era já uma norma usada pelo seu Isaac, que entendia de desfile, porque mesmo depois que ele nos passou a... indicou o nosso nome para a coordenação dos desfiles e a confecção dos carros, ele continuou nos dando apoio. E assim sempre a gente foi aprendendo. Então, por exemplo, se colocava firmas separadas, intercalando com outras entidades e aquelas partes, assim, da nossa região, do interior, então fazíamos todos os municípios. E era uma maneira de melhor apresentar os carros. Sempre dando um destaque todo especial para aquele da rainha, que tinha a obrigação de ser o mais bonito. Talvez, muitas vezes, não tenha sido, mas o objetivo sempre era que o carro da rainha fosse o mais bonito.

Isaac: Se lembra das bandinhas, que nós contratávamos para...

Lorena: Nós tínhamos também carros, por exemplo, da região alemã que vinham com bandas. Faziam um sucesso. Bandas da região, bandinhas alemães, faziam um sucesso com o chopp, com a música. Nós tínhamos corais da nossa região também, cantando. No carro dos caçadores também cantavam músicas da nossa região. Ou os Irmãos Bertussi, que faziam música ao vivo com... que era da região da serra, do campo. Por exemplo, na nossa época, os figurinos nós ficávamos com, ah, sempre com as vindimeiras. Então, nós tínhamos vindimeiras mais ricas e vindimeiras menos sofisticadas, né? Mas sempre partindo do princípio assim: roupinhas coloridas, alegres, bordadas, dando aquela graça para as meninas que se apresentassem, por sinal muito bonitas e, então, com os vestidinhos alegres, bordados, vindimeiras estilizadas, é lógico né, que uma vindimeira quando está trabalhando não está com todo aquele luxo. Mas era assim: um misto de traje da região italiana e bastante colorido. Nós botávamos bastante colorido que quando passava na rua era um sucesso.

Sônia: E esses figurinistas, Lorena, como é que chegavam a participar do desfile?

Isaac: Nem tinha. [risos]

Lorena: Nós não tínhamos, assim, figurinistas. Por exemplo, uma loja especializada tinha o desenhista dele e já fazia, elaborava, a não ser quando era os trajes do [Darwin] Gazzana, que ele fazia os desenhos para os carros, ah, as roupas das rainhas e das princesas, então aquilo era uma obra de arte, né, uma coisa toda especial. Agora, um vestido comum, de vindimeira, não vindimeira no dia do trabalho, mas luxo, as lojas especializadas de artigos femininos, elas tinham desenhistas. Então, sempre dependia da criatividade: uma uvinha aqui, um bordadinho aqui, um aventalzinho, uma coisa e valorizava o desfile, valorizava. Então, os carros, eram carros alegóricos, nem sempre falando em uva, né? Era bastante diversificado, mas as meninas que desfilavam eram com trajezinhos de vindimeiras. Então, aproximando do que era a nossa festa, né, o objetivo de nossa festa.

Sônia: Lorena, e essa roupa das meninas que desfilavam, eram confeccionadas por vocês também, ou elas escolhiam a sua costureira?

Lorena: Não. Nós não... só em casos muito especiais, mas se não nós, nada desses vestidos de luxo nós fazíamos. Agora, as meninas que queriam desfilar, porque sempre se apresentavam muitas meninas lindas, que queriam desfilar, então a gente dizia o que era para vestir naquele carro. Ah, o modelo que combinava e elas então, faziam o vestido e pagavam o vestido, né? Então, por isso que tinha aquela variedade de cores e modelos e, também, riqueza dos tecidos né, dependendo das posses de cada uma, né, das posses de cada uma. Recordo criadores e decoradores de carros alegóricos. Bom, primeiro, como eu já disse, o seu Isaac, que foi com ele que eu aprendi. E nesses anos todos que eu trabalho, que agora já são vinte e oito anos de Festa da Uva, então, eu vi muita

gente importante trabalhando. O Dr. Gazzana, como o seu Isaac também falou, era o máximo em desenho, criatividade e capacidade. Ele era um artista. Então, outras pessoas, como o seu Aurélio Dal Zotto, que era da Madal [Madal Palfinger S/A], dentro da fábrica ele era chamado o professor Pardal, porque ele fazia verdadeiras maravilhas. Uma porque ele tinha máquinas maravilhosas lá, então fazia aqueles braços mecânicos, aquelas coisas que se mexiam que, se fosse para a Festa da Uva pagar um carro daqueles, não teria como desfilar. Não teria como fazer, porque era...

Isaac: Muito dinheiro.

Lorena: Muito dinheiro para uma máquina daquelas, aquelas maravilhas. Então, a firma apresentava, ele fazia na fábrica dele, e tudo ideias boladas por ele. Então, ele fazia e a turma executava verdadeiras maravilhas. Por exemplo, o Gazola [Gazola S/A Indústria Metalúrgica], eu também já vi carros maravilhosos desenhados também pelo Gazzana. Outra professora, que não podemos esquecer, é a dona Liliana Rossetti. Ela era, ela é artista plástica, ela é pintora, então, ela também criou e executou, inclusive um ano, ela foi a criadora e executou também o carro que era da abertura, que era igual ao cartaz da Festa da Uva daquele ano. Um trabalho muito lindo. E muitos anos eu vi ela fazendo carros com trabalhos de escultura. Muito linda a concepção, as coisas ela imaginava, coisas bonitas mesmo. Então, a dona Liliana e, eu posso até nessa entrevista, esquecer pessoas que passaram todos esses anos, pessoas que devem ter feito, por exemplo, essa equipe que trabalhou com seu Isaac, aquelas meninas que eram da faculdade, fizeram muitos desenhos, muitas coisas lindas. E, também, depois, ajudavam na pintura, na pintura dos pórticos também, quando o seu Isaac fazia os pórticos também para a Festa da Uva. Essas meninas eram artistas! O seu Isaac, na entrevista que ele deu, ele citou o nome, tinha uma equipe muito boa. Eu acho que, no momento, eu não estou me lembrando, mas se esqueci algum nome, queiram me perdoar.

Isaac: Tinha a família Pelin, toda a família trabalhava.

Lorena: Ah, por exemplo, nós estamos falando em artista, mas não se deve esquecer as pessoas que faziam o carro: carpinteiros, eletricitas. Os carpinteiros e os serralheiros também são artistas, porque todo o trabalho, o nosso trabalho era a partir do que eles faziam. Então, na época do seu Isaac, se usava muita madeira. Aqueles homens, com madeira, faziam verdadeiras maravilhas. Depois então, a Ana Selma, a minha filha, introduziu o sistema de solda, ferro e solda. Então, as estruturas de ferro facilitaram muito mais o trabalho. Então, toda essa gente não pode ser esquecida, todos os nossos carpinteiros. O seu Isaac tinha uma equipe que nós chamávamos os Irmãos Metralha, os irmãos Pelin. O que aquela gente fazia... trabalhavam! Eram da colônia e eles vinham trabalhar na equipe do seu Isaac. Eram carpinteiros maravilhosos. E depois, então, na nossa equipe tivemos a ah, tivemos a turma do seu Neri, não estou lembrando o sobrenome dele, então, eram

também irmãos, uma turma de carpinteiros. Neri, Pedro, Cris, todos eles, faz mais de dez anos que trabalhavam na nossa equipe. Que, então, o nosso trabalho dependia desses artistas, que não deixam de ser artistas, porque é o começo de tudo, a base do carro, e depois pra fazer aquelas maravilhas.

Sônia: E assim, Lorena, qual o carro que tu mais gostou, que mais te marcou?

Lorena: Eu acho que foi o primeiro carro que a Ana Selma fez pra Petenatti, que era o sonho de Plush, que foi quando ela começou com as estruturas de ferro. Aquele ano foi o carro mais bonito e foi o que apareceu em todas as revistas e jornais do Brasil. Porque, realmente aquele ano foi... eram cogumelos, árvores, florzinhas, tudo de plush e com essas estruturas de ferro e esponja, mas ficou assim realmente um Sonho de Plush, né? Aquele carro, que o seu Isaac citou, da Mariza Dotti, da rainha aquela, também foi muito lindo, muito lindo. Aliás, nós sempre procuramos fazer com que o carro da rainha seja o mais lindo. Que fique sempre na lembrança, pelo menos das meninas, né, que fique aquela lembrança para dizer: o meu carro foi uma maravilha. Então, nós... eu acho que ele tem que se sobressair de todos os outros, tem que se destacar, porque a rainha é parte principal do desfile, né.

Susana: E durante a, essa confecção dos carros, não sei se é comum né, eu vou te perguntar, as rainhas, elas procuram vocês para saber alguma coisa, algum detalhe do carro?

Lorena: Olha, de todos esses anos, a rainha que mais se aproximou da equipe de trabalho foi a Mariza Dotti, né? Então, talvez, o programa delas, o trabalho que elas têm que desempenhar não dê muito tempo, né? Então outras, assim, vieram uma vez, duas no máximo, no pavilhão ver o trabalho, o andamento. Mas já teve rainha que nunca foi, olhar. Está, também, talvez ela pense assim: eu quero ter a surpresa de ver pronto, porque ver todos aqueles ferros, aquelas madeiras, se assusta, diz: “O que vai ser?” Então, pode ser uma maneira de, de pensar.

Isaac: Além de não ir lá visitar os carros alegóricos, elas chegavam atrasadas no desfile. Te recorda?

Lorena: [risos] Mas isso faz parte.

Sônia: Lorena, e algum fato pitoresco que tenha marcado durante a confecção dos carros ou durante o desfile?

Lorena: Eu, uma coisa assim que me deixou, que me marcou muito, que eu fico pensando, no dia do Sarney, o dia que Sarney estava ali, o magnífico, não é magnífico é.... é imortal da Academia Brasileira de Letras, né, saiu um carro de uma firma aqui de Caxias do Sul e, por nossa culpa, por nossa culpa, com um erro de português. Eu não sei se, se o imortal notou, mas [risos] nós depois notamos né, e as pessoas que entendiam. Era uma frase que, ela tinha que começar com reticência...

e assim era há quarenta anos atrás. É impressionante, mas havia um erro. Esse “a” saiu com crase e era com “h”, porque era do verbo haver. Então, isso assim, eu tenho o máximo cuidado para que essas coisas não aconteçam. E aconteceu uma vez. E, em um outro desfile, um carro estava dentro do pavilhão com as flores cobertas por um pano, um pano velho, e eu não estive lá em cima na concentração. Em resumo, quando eu vi as fotos do primeiro desfile, e a foto foi tirada na altura ali do Correio, na Sinimbu, então ele já tinha passado pelo palanque oficial, as fotos estavam com o pano em cima das flores. Então... eu quase enlouqueci. Ninguém notou aquele trapo em cima das flores! Sabe que o primeiro desfile é uma desgraça. É um corre-corre, porque é antes do que os outros, então, a concentração começa cedo. Aquilo lá é uma loucura, é um corre-corre, porque o presidente tem hora para ir embora. Então é sempre... terrível. E aquele ano desfilou com um trapo em cima de...

Isaac: É por isso que se diz que o carro tem que dar impacto. Então, este pano não deu impacto para o povo, porque eles olharam as moças, olharam o resto. O pano, eles nem viram, podia perguntar pra todos que estavam vendo o carro alegórico que o pano eles não viram, porque não dá impacto.

Sônia: É o conjunto?

Isaac: É o conjunto que dá impacto.

Lorena: E aquele, eu só notei quando o fotógrafo me trouxe o álbum do primeiro desfile com as fotos, e onde ele estava localizado para fotografar, era em frente ao Correio. Quer dizer que já tinha passado o palanque oficial, e aí que eu vi que o pano estava ali. Ali eu enlouqueci, mas não tinha nada a fazer, o pano estava lá registrado para a posterioridade. No próximo desfile saiu sem trapo em cima das flores. Mas são coisas que acontecem. Graças a Deus, assim ó, um ano caiu uma menina de um carro, então, mas não foi nada sério. Um outro ano, num desfile noturno, havia uma sombrinha que girava, era um carro de Capão da Canoa, e choveu, e a menina com os cabelos esvoaçando enrolou no cabo da, do guarda-sol e quase que arranca os cabelos da menina. Mas foi, assim, um desespero total porque era um motor, e tivemos que segurar até que alguém desligasse o motor, segurar o guarda-sol para que não continuasse enrolando aquele cabelo molhado. Mas afinal a menina ficou com toda a cabeleira, levou um susto. Mas, são coisas que acontecem, porque realmente num desfile deste tamanho, com toda aquela gente, é impossível que não aconteça nada. Mas, então, eu acho assim que isso tudo é aceitável, até aí é aceitável, e que Deus continue ajudando que nada aconteça assim de mais grave, porque um erro de português, quem não o faz? [risos]

Sônia: Lorena, tu pegou o período anterior aos desfiles noturnos e...

Lorena: Não, quando eu comecei a trabalhar, como coordenadora, já era com desfile noturno. Então, como disse o seu Isaac, na entrevista dele, o nosso problema dos desfiles noturnos é a falta de dinheiro. Porque para fazer um carro com uma iluminação como deve ser, tem que ter gerador próprio. Então, já é uma despesa, que o gerador sozinho às vezes, tem o custo do carro. Não dá. Um desfile iluminado com bateria, a luz não tem aquela potência, não tem. Então não faz aquele... Agora, nós temos sorte, por exemplo, ali no palanque oficial, está tudo bem iluminado. As ruas estão bastante iluminadas. Mas, então, teria que ser todos eles com gerador. A mesma coisa é com o som. Um som com bateria não tem nada a ver, a força só da bateria não tem nada a ver, precisa gerador. Houve um ano que eu fiz a Firma Sehbe [Kalil Sehbe S/A Indústria do Vestuário], estava fazendo o balão mágico, só que não sabíamos, eles estavam fazendo na fábrica, e nós também estávamos fazendo o balão mágico. Dois feitiços diferentes, mas com o mesmo nome. Aí quando se ficou sabendo que eram dois balões mágicos, nós botamos o “Nosso Balão”. Nós tínhamos som, eles tinham som, o carro deles foi um sucesso absoluto. Eles tinham um gerador potentíssimo. Quando eles entraram na praça [Dante Alighieri] com palhaços, palhaços, assim, era uma festa. E, aquela música do Balão Mágico, e aquele som com aquela potência! Não tem quem bate isso! Foi um sucesso! O carro deles estava maravilhoso. Só que o balão deles era tipo Zeppelin, e o nosso era um balão com cestinho. Então, eram dois balões totalmente diferentes. Então, o nosso ficou o “Nosso Balão”, mais pobrezinho, com menos som, mas uma beleza também toda especial.

Isaac: Esta questão do som é muito importante, porque a gente não tem a aparelhagem. Então, o som emprestado, bota né, de forma que é como diz a Lorena, se nós tivéssemos toda aparelhagem que é necessária, o desfile seria outro, né? É iluminação, o som e... as moças pra dançar, como eles querem fazer esse ano aqui, dançando na rua, mas precisa ser treinado, precisa ser... né?

Lorena: Sim, eles já estão ensaiando.

Isaac: Eles já estão ensaiando.

Sônia: E este ano, dona Lorena, como é que vai ser o desfile.

Lorena: Espero que seja lindo! Mais lindo que o outro.

Sônia: Tem alguma mudança em relação aos outros anos?

Lorena: Tem. As mudanças são extraordinárias, porque agora tem uma equipe que pesquisa, que está fazendo.. São cento e vinte anos da colonização italiana, então é história. É história, como vieram, foram convidados, quase enganados para virem para o Brasil, né, e o trabalho que eles passaram. Então é assim uma história de todo aquele trabalho que eles passaram. É um trabalho

grande de pesquisa que essas senhoras fizeram, que essas meninas todas fizeram. Então, eu acho que vai ser diferente de tudo que se viu.

Sônia: E isso, tendo uma ideia, ele vai ter, no caso, o desfile vai ter um tema?

Lorena: Sim, todo ele.

Sônia: É mais fácil pra executar os carros, ou não?

Lorena: Eu acho assim, carros, tem uns que são fáceis, mas a maior parte é difícil... assim... são trabalhosos. Trabalhosos, trabalhosos. Sim, porque a concepção dos artistas, assim, em outra área. Têm pessoas que estudam a história, o passado, então, têm coisas bastante difíceis. Mas se Deus quiser, faremos um belo desfile.

Sônia: Depois que a senhora começou a trabalhar na confecção dos carros que significado passou a ter a Festa da Uva pra senhora?

Lorena: Muito importante. Em primeiro lugar, tu vêes que a gente sempre está aprendendo. Sempre está aprendendo. E o objetivo da gente é sempre melhorar, sempre poder dar o melhor para a pessoa que está lá assistindo o desfile, fica lá duas, três horas parada na beira de uma calçada. Então, eu digo, a maior gratificação que a gente tem, é gratificante a pessoa dizer “Estava lindo, gostei.” Eu sempre digo, não se pode agradar a todos. Eu digo que se cinquenta por cento das pessoas que assistirem ao desfile disserem “Eu gostei”, eu me dou por satisfeita. E, se mais pessoas gostarem, tudo é lucro, né? Cinquenta por cento se disserem que gostaram... porque, realmente, jamais tu vai agradar a todos. Não tem como agradar a todos. Uma hora é a cor, outra hora é o feitio, então, é uma coisa difícil, lidar com as pessoas, né? Então, se cinquenta por cento gostarem, ótimo, e daí pra frente tudo é lucro. Agora, se menos de cinquenta por cento gostarem, então, a gente tem que ficar preocupado.

Sônia: Mais alguma coisa Susana?

Susana: Não, pra mim está ótimo.

Sônia: Dona Lorena, a senhora fica à vontade. Se a senhora quiser falar mais alguma coisa...

Lorena: Não, não. Nós estamos trabalhando, trabalhando muito com o objetivo de que todos que vão assistir ao desfile se sintam, se sintam felizes de poderem ver o nosso trabalho. Esse é o nosso objetivo e, se nós conseguimos, ótimo. Se não conseguirmos, peço desculpas.

Sônia: Obrigada, Dona Lorena. Seu Isaac, o senhor lembrou mais alguma coisa?

Isaac: Não, não, ela já falou quase tudo.

Transcrição em: 27 de junho de 1996.

Por: Sônia Storchi Fries.

Revisão em: 24 de dezembro de 2010, janeiro de 2019 e 15 de janeiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries, Fabiana Zanandrea e Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 26 minutos.

Observação: